

"Eu teria perdido a minha casa também, se não tivesse me mudado para cá há alguns meses."

Gabriela dos Santos Zynich, 49 anos, que mora em Balneário Pinhal desde outubro do ano passado e agora sua casa é também a dos pais, Ramon e Neusa, após o casal perder tudo com a enchente em Canoas. "Minha mãe estranhou um pouco, aqui é mais tranquilo que na cidade grande, né? Mas ela já está fazendo amizade com as vizinhas", comenta a funcionária pública concursada.

"Quero continuar por aqui, vou procurar trabalho na área de mercado e farmácia. Pretendo recomeçar."

Myllena Moreira, 24 anos, se sente mais segura e acolhida no Litoral, onde tem muitos familiares, de parte de mãe e pai e também de parte do marido, que ficou em Canoas por causa do emprego. O casal morava no bairro Fátima há pouco menos de três meses e, agora, se forem voltar para Canoas, buscarão outra região. "Minha ideia é ficar em Tramandaí pelo menos até fevereiro", afirma ela, ao lado do filho, Micael, de 8 anos.

"A gente limpou a casa em Rolante, mas não vamos voltar. A cada chuva que dá, ficamos com medo."

Vinicius Grings da Silva, que, com a esposa, Thalita Luana Faccio, e a filha, Chloe, está morando em Osório, em sua segunda casa, desde o início de maio. A enchente acelerou os planos do casal de se fixar no Litoral. Com a mudança, os empresários que trabalham em home office à frente de um açougue online (pedramoura.com), incrementaram o negócio, que agora passa a atender os municípios do Litoral o ano todo, não somente no verão.

"O pessoal aqui (do abrigo) está vendo possibilidades de trabalho para mim. Minha ideia é ficar, gosto do Litoral."

Tiago Bopsin, 36 anos, que trabalhava em obras em Porto Alegre, onde, usando todas as economias, tinha construído uma pequena moradia no bairro Humaitá, um dos mais castigados pela enchente. Ele acabou acolhido em um abrigo em Capão da Canoa depois de chegar à praia apenas com a roupa do corpo. "Penso em fazer brigadeiros gourmet para vender na rua, sou comunicativo e disposto", planeja.

"Por enquanto não tenho para onde voltar. (...) Aqui no Litoral está muito bom, eu quero ficar."

Valnéria Ribeiro, 46 anos, que até abril trabalhava na cozinha, como funcionária terceirizada, da Escola Maria José Mabilde, destruída pela enchente na Ilha da Pintada. As águas subiram até a sacada de sua residência, de dois andares. Ela calcula que vai ser longa a espera pelo que vai acontecer com a escola e com o bairro como um todo agora. Enquanto um grande ponto de interrogação ocupa seu cotidiano, ela pretende ficar em Cidreira e, assim que tudo ficar melhor definido, procurar trabalho.

VINICIUS GRINGS DA SILVA/ARQUIVO PESSOAL/JC



Vinicius com a esposa Thalita Luana e a filha Chloe mudaram para Osório

FÁBIO VIVALDINO LOPES/DIVULGAÇÃO/JC



Torres, conhecida mundialmente pelo Festival de Balonismo, está entre os destinos procurados como refúgio

Alta temporada fora de época

Não teve o tradicional verão de maio este ano, mas o mês reservou ao Litoral Norte um movimento de alta temporada inesperado. Diferentes setores da economia local experimentaram uma demanda atípica - principalmente nos primeiros 15 ou 20 dias, quando o maior desastre socioambiental da história gaúcha instaurou o caos na Capital e na Região Metropolitana. A sugestão de desafogar Porto Alegre e arredores partiu do próprio prefeito, Sebastião Melo.

O papel de abrigo e refúgio assumido pelo Litoral, tal qual aconteceu durante a pandemia, aqueceu o setor de serviços - como supermercados, restaurantes, farmácias, postos de combustível e imobiliárias - mas também exigiu esforços de gestores públicos e da comunidade em geral, que se voluntariou para acolher os mais necessitados.

"Nos primeiros 10 dias tivemos um aumento em torno de 90% em relação ao mesmo período do ano passado", comenta Cesion Pereira, diretor Agas (Associação Gaúcha de Supermercados Gaúchos) em Capão da Canoa e diretor da Rede Super da Praia. Para se adequar à demanda, ele remanejou 25 funcionários de outras lojas para a de Capão. "Depois, caiu para 30% nos outros dias e no final de maio para em torno de 15%, o que deve se manter em junho", projeta. Segundo o dirigente, supermercadistas de Xangri-Lá e Imbé tiveram a mesma percepção.

Em nota para a reportagem, a rede de farmácias São João, com 50 lojas espalhadas pelo Litoral, confirmou um "considerá-

vel aumento" de clientes no mês de maio, demanda associada à migração pelas enchentes. Já o grupo Panvel registrou pelo menos 20 dias de movimento extra, chegando a 65% superior se comparado ao mesmo período do ano passado e exigindo ajustes para dar conta dos atendimentos. "Foram contratados cerca de 38 funcionários temporários em 23 lojas do Litoral Norte. Parte destes profissionais já havia atuado conosco na temporada de verão, o que agilizou o processo de integração", relata Roberto Coimbra, diretor-executivo da Panvel.

Segundo a Sulpetro, postos da região de Capão registraram aumento de cerca de 30% na demanda por combustível até por volta do dia 17 do mês de maio.

A migração anormal alterou a rotina do mercado imobiliário. Representante Secovi-RS para a região, Marcelo Callegaro confirma a maior procura por locações no período. "Aqui em Tramandaí e Imbé, muita gente veio de Canoas. Soubemos de imóveis com 25, 30 pessoas", destaca. Danubia Almeida, proprietária da imobiliária Via-Mar, em Tramandaí, compara o mês de maio ao movimento na semana de Ano Novo. "Nunca existiu uma procura assim em meses de maio, por locações de uma semana, 15 dias, e tem cliente que alugou por 30 dias e estão renovando por mais 30", afirma ela.

A imobiliária Noêmia - Central de Aluguéis, que atua exclusivamente com locações em Capão da Canoa, verificou um aumento de 20% nos negócios, em comparação a maio do ano passado. "Agora tem gente procurando por

anual. Porque se gosta, se adapta à cidade, aí compra", avalia a diretora, Noêmia Reckziegel. O que chamou a atenção de Cristian Novascki, proprietário da Imobiliária Home, de compra e venda, foi o crescimento do movimento no site da empresa. E ele se espanta como morador da praia também: "A (avenida) Paraguassu não tinha lugar para estacionar. Supermercados, salão de beleza e restaurantes praticamente lotados".

Pouco mais de 60 quilômetros dali, em Torres, a migração inesperada rendeu ao Cantinho do Pescador, tradicional restaurante de frutos do mar às margens do Mampituba, um faturamento 30% superior durante os primeiros 15 dias de maio (se comparado ao mesmo período de 2023). "Na terceira semana, caiu mas ainda se manteve superior ao mesmo mês do ano passado", comenta Douglas Mesquita, proprietário. A demanda não o pegou desprevenido: "Como nos preparamos para o Festival de Balonismo (cancelado justamente pelo estado de calamidade pública no RS), tínhamos estoque e conseguimos atender bem o movimento".

O aquecimento do setor foi percebido em outras praias também. "Tanto a hotelaria quanto a gastronomia sentiram a movimentação fora de época, cerca de 40% superior", afirma Ivone Ferraz, presidente do Sindicato dos Hotéis e Restaurantes do Litoral Norte. Segundo ela, no final de maio, a movimentação atípica já havia caído pela metade, mas se mantinha fora do comum.